

O beijo do anjo

O vilarejo, lá no alto, parecia distante. O automóvel seguia vagaroso; não havia pressa em chegar.

A paisagem ao longe era pitoresca: a vegetação esverdeada forrava a planície, enquanto algumas casinhas isoladas desafiavam a sua imensidão. Os animais pastavam e assemelhavam-se a pequenos pontos que se moviam de forma ritmada.

Você estava ao meu lado, com seu sorriso enigmático de sempre. Os olhos, buliçosos, não se fixavam nos meus. Qual a verdade escondida diante de um comportamento, quando não evasivo, sempre provocador de uma distância intencional entre nós?

– Você sente por mim o que sinto por você? – perguntei.

– Já lhe disse que sim. Você parece não acreditar nas minhas palavras – respondeu.

A iniciativa era sempre minha. Seus olhos, quando resolviam fixar-se nos meus, substituíam a ausência de palavras, exprimindo-as por meio de uma linguagem silenciosa; dizendo-as sem as dizer. Uma linguagem etérea, eu deduzia, vinculada à esfera celestial.

Pensativo, continuei olhando para a estrada. Você me lembrava o mar com tantos segredos nas profundezas de suas ondas. O que realmente você pensava a nosso respeito? Onde você se encontrava antes de surgir em meu caminho? Tinha a impressão de que a conhecia de tempos imemoriais, de um passado longínquo que a mente não me permitia evocar.

Em um instante percebi um halo difuso a envolver-lhe o semblante, espargindo um brilho estranho. Assustei-me. A viagem prosseguia.

Rodopiávamos. O veículo circundava a montanha. Subíamos em espiral. Muitas vezes o abismo fez-me estremecer, entretanto, a sua presença era-me encorajadora.

Persistia o silêncio. Apenas o ruído do motor, o silvo do vento e o trinar distante de um pássaro quebravam-no. Estávamos na metade do caminho; tínhamos de alcançar o topo da montanha e não havia retorno – como o desenrolar da vida, que só possui idas, estradas que são palmilhadas para que nunca mais as possamos trilhar outra vez.

De súbito, um animal atravessou celeremente a estrada. Freei o automóvel. Por pouco não nos lançamos no abismo – embora tenha sentido que a força imperceptível de uma mão nos tenha sustentado para que não fôssemos tragados pelo despenhadeiro. Pareceu-me ouvir um esvoaçar de asas.

Assustei-me. Você ficou imóvel. Senti o perigo ameaçador e, lentamente, fui afastando o veículo da ribanceira.

Escureceu. Algumas estrelas mostravam sua presença no azul esmaecido do céu. Mais uns instantes e alcançamos o cume da montanha. O vilarejo estava em silêncio. Luzes projetavam-se pelas cortinas coloridas das janelas, onde plantas e flores adornavam a singeleza das moradias.

Olhamo-nos demoradamente. Meu coração estremeceu. Houve um instante de enlevo, um êxtase, um desejo de querer e ser querido. Aproximei o meu rosto do seu. Você não se afastou, mas comprimiu os lábios numa tentativa de impedir o que seria um beijo enternecido. Simplesmente toquei os seus lábios com os meus e a brevidade desse gesto mergulhou numa fresta da eternidade e a sua face, de um rubor inocente, resplandeceu.

O vilarejo esparramava o silêncio. Parecia um cenário em que as ruas e as casas prestavam-se à encenação de uma montagem teatral ou de um filme. O cintilar das estrelas assemelhava-se a pirilampos que lampejavam sob um manto azul-escuro.

Senti-me perto do céu – sensação que, naquelas alturas, não nos seria impossível desfrutar. Foi quando um perfume inebriante e um arfar de asas envolveram-nos. Um círculo brilhante abraçou a sua presença, como se fora uma epifania. Você, desapegando-se dos meus braços, elevando-se, atirou-se no espaço vazio e, pairando, voou em direção ao infinito. Conheci um anjo – pensei! Como se pretendesse despedir-se, você olhou para trás e com os olhos me disse adeus.